

Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



CONHECER E COMBATER AS VÁRIAS FORMAS DE PEDOFILIA: UM TEMA PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Juarez Gomes

Departamento de educação da UEL

RESUMO

Em reportagem recente sobre ações na *dark web*, um investigador da área de pedofilia recebeu até quinhentas visitas por segundo em um “*site armadilha*” prometendo imagens de sexo com crianças. No Brasil a fiscalização na internet livre depende de denúncias, que na maioria das vezes “apenas” confirma os casos de violência sem conseguir evita-los. Isso sem falar no “ativismo pedófilo”, ou na negligência parental que é grande parte dos registros no disque 100. Nesse contexto parece-nos que há várias formas de pedofilia crescendo numa proporção maior do que a capacidade das políticas públicas de combatê-las. Estratégias de aliciamento se aprimoraram ao ponto de já existirem organizações pedófilas prometendo proteção aos menores de idade. O presente texto objetiva contribuir para ampliar as discussões sobre esses assuntos nas licenciaturas, a partir de revisão de literatura e da experiência de uma equipe com grupos de estudo para pais e professores em projeto de extensão desde 2003. Entre os resultados, foi percebido que questões como, quais sinais as crianças apresentam em situação de risco de violência sexual, podem não estar sendo adequadamente tratadas. Sugerimos alguns conteúdos para o trabalho com o tema e outras ações pertinentes com foco na educação integralmente saudável de crianças e adolescentes.

PALAVRAS CHAVES: CRIANÇAS E ADOLESCENTES. EDUCAÇÃO. PEDOFILIA.

INTRODUÇÃO

Enganamo-nos em acreditar que pedófilo é apenas quem troca imagens eróticas ou pornográficas de crianças e/ou adolescentes ou pratica sexo com eles. Existem organizações tentando transformar a pedofilia numa orientação sexual normal ou, na pior das hipóteses, convencer a sociedade de que menores de idade podem “consentir” no envolvimento sexual com adultos (p.ex.: SIDEMAN, 1994; REISMAN, 2010; RUBIN, 2003). Este breve artigo, recorte de um texto maior ainda não publicado, pretende materializar as revoltas que tivemos diante de relatos de jovens usados sexualmente na infância por pedófilos dissimulados, acreditando precisarem daquelas experiências para serem amados, e que, por isso, não denunciaram essa violência velada.

Outro objetivo é a tentativa de sintetizar respostas a questões relacionadas à pedofilia construídas coletivamente com centenas de famílias em grupos de estudos sobre educação de filhos em escolas públicas paranaenses. Fomos privilegiados por essa aprendizagem com tais famílias desde 2003, no projeto de extensão “Família, escola e universidade promovendo ações socioeducativas para o desenvolvimento integral da criança”, atividade que continuamos realizando graças ao apoio da Universidade Estadual de Londrina, de colegas de trabalho, discentes e profissionais voluntários. Nesse contexto os professores das respectivas escolas também foram envolvidos, tanto nos referidos grupos quanto em encontros visando formação continuada.



No decorrer dos muitos estudos e discussões constatamos que a pedofilia não era discutida com o que entendemos ser a devida profundidade nas propostas de educação sexual escolar. Isso nos levou às origens da ciência sexual contemporânea e aos trabalhos do norte-americano Alfred Charles Kinsey (1894-1956). Entomologista (especialista em insetos) e biólogo, ele foi professor nessa área na Universidade de Indiana e usou sua experiência para adaptá-la na formulação do primeiro curso acadêmico de educação sexual que se conhece, inicialmente voltado para pessoas casadas. Devido ao sucesso dessa e outras empreitadas afins, em 1947, fundou um instituto de pesquisa sobre sexo. O ainda famoso **Instituto Kinsey para Pesquisa sobre Sexo, Gênero e Reprodução**, adquiriu poder econômico e político enormes, com apoio financeiro das Fundações Rockefeller, Ford e de outras entidades, incluindo a Fundação Playboy. (SENA, 2007)

Além dessa força obtida nos Estados Unidos, de 1949 a 1956, Kinsey também viajou a diversos países para tentar promover mudanças legais envolvendo comportamento sexual das pessoas, propostas em seus livros, “Sexual Behavior in the Human Male”, de 1948, e “Conduta sexual da mulher”, de 1953. Sendo crítico ferrenho das legislações de seu tempo, inclusive sobre a proibição de sexo infantil e adolescente e destes com adultos, considerava essas normas ultrapassadas e ligadas ao protestantismo que julgava sexofóbico.

E Kinsey atingiu seu objetivo. Aproveitando-se de sua imagem de homem honrado e bom pai e da fama conseguida com sua pesquisa, pioneira na área, além do importante apoio das citadas organizações, ele convenceu os legisladores de que a conduta sexual “normal” do ser humano estava sendo punida com regras conservadoras. Entre suas conquistas com as muitas mudanças ocorridas nas leis civis, o sexo para menores de dezoito anos¹ deixou de ser crime.

Posteriormente soube-se por intermédio de biógrafos, investigações federais e outros processos, que Kinsey incluiu entre seus milhares de questionários muitos relatos de criminosos, classificando a todos de “americanos brancos comuns”. E ele tinha motivos fortes para defender predadores sexuais, principalmente os pedófilos, pois eles também colaboraram com sua pesquisa e influenciaram em suas teorias sobre desenvolvimento sexual infantil “normal”. Um dos mais importantes deles foi Rex King, apelidado por Kinsey em seus “Relatórios” de “Mr. Green”, um funcionário examinador de terras do governo norte-

¹Para nós o termo menor de idade não representa necessariamente a ideia de que, aos dezoito anos, o jovem pode fazer tudo o que um adulto emocional e psicologicamente maduro faz. Essa menoridade é um período mínimo que os responsáveis por crianças e adolescentes precisam ter para orientá-los ao exercício crescente da responsabilidade sobre tudo o que irão fazer, inclusive sobre o sexo.



americano que teria molestado pelo menos 800 crianças durante um período de mais de 20 anos e registrado quase tudo em diários (REISMAN, 2010).

Kinsey soube desse homem por seu mentor, o médico Robert Dickinson. Em 1944, enquanto muitos homens morriam na Segunda Guerra acreditando que isso ajudaria a proteger suas mulheres e filhos, Kinsey viajou até o Estado do Arizona para ter encontros secretos com King. Ele o convenceu a desenterrar seus diários e dar aos relatos uma linguagem científica detalhada, conforme orientações de Dickinson, o qual também o instruiu nas gravações dos próximos contatos sexuais que teria com menores de idade. Além disso, Kinsey parece ter contratado outros adultos para registrarem seus contatos com crianças e cronometrar os supostos orgasmos, inclusive com bebês. (REISMAN, 2010)

Essas informações criminosas foram utilizadas em partes dos livros que tratam do que afirmaram ser desenvolvimento sexual saudável das crianças desde seus primeiros meses de vida até a adolescência, pois, do ponto de vista dos pedófilos, não há nada de errado nessa conduta. São ideias relacionadas a experiências como essas, cuidadosamente travestidas de relatos científicos, que passaram a sustentar a tese da necessidade de educação sexual nas escolas e dos supostos direitos sexuais de crianças e adolescentes. Consoante Kinsey, as crianças estão prontas para o sexo desde o nascimento e isso é bom para a felicidade delas (KINSEY, et al., 1955, p.118-119). Vejamos mais sobre isso:

Por outro lado, **cerca de 80% das crianças haviam ficado emocionalmente perturbadas ou amedrontadas em seus contatos com adultos**. Uma pequena parte ficou seriamente perturbada; porém, na maioria dos casos, **o medo relatado era idêntico ao que as crianças apresentam quando vêm insetos, aranhas ou outros objetos aos quais passaram a ter aversão**. Se a criança não estivesse culturalmente preparada, é duvidoso que viesse a ficar perturbada com as propostas sexuais do tipo das que em geral foram incluídas nas histórias. (KINSEY, et al., 1955, p.140 – grifos nossos)

Portanto, para Kinsey e seus colaboradores, pedófilos dissimulados e, provavelmente, para seus seguidores cientes de tudo isso, o sofrimento das crianças nos contatos sexuais com adultos pode ser eliminado se elas forem “culturalmente preparadas”. Conforme explicitado, isso é tão natural quanto preparar as crianças a não terem aversão ou medo de insetos. **É esse tipo de formação, interessante só para os predadores sexuais, passível de ser sutilmente proposta por intermédio de discursos dos “direitos sexuais de crianças e adolescentes”**.

A triste verdade é que a partir das publicações “científicas” de Kinsey, esses seres humanos em desenvolvimento podem ser convencidos por múltiplos meios erotizantes de que precisam fazer sexo para serem felizes. Atualmente, essa “necessidade” é uma das teses centrais dos supostos direitos, ignorando ou minimizando as implicações disso para as diferentes fases do desenvolvimento integralmente saudável deles.



A EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL E AS IDEIAS DE KINSEY

Muitos autores empenharam-se em prol da implantação da educação sexual inspirada em Kinsey nas escolas brasileiras, que ganhou significativa força com a atuação de especialistas por meio da televisão. Nosso povo foi estimulado a seguir os norte-americanos, pois no final da década de 1970, esse tipo de educação já estava praticamente consolidada naquele país. Assim como ocorreu por lá, a novidade foi aqui propagada como parte do progresso educacional e promotora da felicidade de crianças e adolescentes.

A panaceia em torno da educação sexual encontrou apoios diversos no contexto da redemocratização brasileira na década de 1980. Tal cenário político favoreceu o surgimento de novidades de toda a ordem, dando força a militância kinseyana de vários especialistas. Entre eles a psicóloga e pós-graduada nos Estados Unidos, Marta Suplicy, a qual beneficiou-se de boa condição econômica, projeção televisiva e por seu envolvimento com a política do Partido dos Trabalhadores (PT). Fazendo referências diretas em seus livros às ideias de Kinsey, de seus colaboradores e seguidores, ela contribuiu para que a educação sexual entrasse de vez nas salas de aula. Suas obras se tornaram referência em universidades e em documentos dos Ministérios da Educação e da Saúde.

Sem querermos afirmar que seus objetivos foram os mesmos de Kinsey, partes do livro, “Papai, mamãe e eu: o desenvolvimento sexual da criança dos dois aos seis anos no lar e na escola”², são exemplos, a partir da pesquisa que fizemos, do que pode ser encontrado atualmente sobre educação sexual direcionada para crianças, inclusive nas orientações da UNESCO (2010; 2014), referida como “educação em sexualidade”.

No capítulo 4 do livro de Suplicy, “Como orientar na escola”, enfatizando suas ideias de “orientação sexual” infantil, o conteúdo é menor que o endereçado para a família. Talvez isso se deva a crença de que o leitor professor já teria entendido bem toda a primeira parte para os pais. Novamente, ela aborda a importância da família e de seus valores na educação sexual para os filhos. Apesar disso, nessa parte do livro fica mais evidente **a defesa da ideia de que é a escola a responsável pela formação sexual correta.**

Entendemos que pais praticantes do amor incondicional, do monitoramento positivo e do modelo moral têm o direito e o dever de impedir suas crianças de participarem desse ou de outro tipo de “orientação sexual” que julgar inadequada. Diferentemente disso, a autora

² Editora FTD, de 1990. Em consulta ao site da editora em 29/06/2013, o livro não foi localizado. Na *internet* é possível encontrá-lo em sebos. Parece que a última edição é de 2002. O livro tem 79 páginas para pais e professores, e, em seguida, 54 páginas para serem trabalhadas com a criança, com o subtítulo “Como começou a sua vida”. Ali, há desenhos relacionados aos temas do livro, ou seja, imagens do que consideramos sexo explícito para crianças de 2 a 6 anos de idade.



fala sobre os supostos ensinamentos errados recebidos pela criança na família, dando a seguinte recomendação à escola.

A direção da escola deve ser firme com aqueles que acham que a criança não deve ter este tipo de orientação: se a informação correta não é transmitida, a criança sacia a curiosidade da mesma forma. Só que tem chances de aprender errado. (SUPLICY, 1990, p.71 – grifos nossos)

Para tentar evitar situações opostas dos pais, a escola é orientada a reuni-los e explicar sobre o trabalho que será feito, inclusive de que os desenhos do livro serão utilizados nas aulas e estarão disponíveis para as crianças. Em seguida há uma ilustração sobre essa suposta reunião, imagem que parece transmitir a ideia de que os pais contrários à “orientação sexual” na escola são emocionalmente mal resolvidos ou alienados. A partir de nossa experiência defendemos que no processo de formação de professores as orientações sobre a parceria escola e família devem primar pelos ideais de democracia, rejeitando propostas de direcionamentos ideológicos de qualquer natureza.

Nesse contexto, alertamos que estudos com potencial nocivo semelhante ao de Kinsey podem estar sendo renovados ou readaptados por setores da sexologia contemporânea, inclusive em universidades, laboratórios e outras instituições ligadas a pesquisas. O trabalho educacional envolvendo crianças, principalmente as pequenas, deve abominar qualquer ideia que possibilite considerar esses seres humanos vulneráveis como necessitados de experimentar supostos orgasmos (inclusive, múltiplos) desde o nascimento.

É PRECISO DIFICULTAR AS AÇÕES DOS PEDÓFILOS DISSIMULADOS

Foi-nos possível atestar um pouco da força atual das teorias de Kinsey em uma rápida pesquisa por meio da qual encontramos muitos indícios de que ideias ligadas às suas propostas foram sutilmente colocadas em discursos e estudos de pessoas atuantes em instituições de influência global, como a UNESCO e a OMS (p.ex.: MISKOLCI, 2009; REBOUÇAS e DUTRA, 2011; SÃO PAULO, 2012). Também há publicações do MEC com conteúdos aparentemente relacionados às pesquisas de Kinsey, inclusive nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de “Orientação sexual”, um dos temas transversais integrantes do currículo não obrigatório da Educação Básica³. De alguma maneira os futuros professores precisariam refletir sobre tudo isso.

Outro exemplo de formas de promoção do que parece ser a ciência de Kinsey de “direito sexual de crianças e adolescentes” por intermédio da área da saúde, está na criação da “Caderneta de saúde do adolescente”, material disponível para ser copiado da *internet*,

³Os outros temas transversais, integrantes do currículo não obrigatório, são Ética, Saúde, Trabalho e Consumo, Pluralidade Cultural e Meio Ambiente.



cuja distribuição e utilização ocorrem em escolas públicas brasileiras. Esse documento oficial registra logo de início “se você tem entre 10 e 19 anos de idade, está vivendo uma fase rica em descobertas e mudanças: a adolescência.” (BRASIL, 2009, p.4)

A justificativa do Ministério da Saúde para a classificação da tal fase é confusa, pois anuncia falas sobre as várias transformações que ocorrem a partir dos 10 anos em todos os aspectos do desenvolvimento, porém, o conteúdo trabalhado é basicamente sobre higiene corporal e vida sexual ativa. Sobre o acompanhamento da saúde pessoal deles nas UBS é garantido o sigilo total, ou seja, é registrado que os pais não precisarão ficar sabendo de “coisas” que o adolescente (e crianças de 10 e 11 anos) fez ou faz (Ibid. p.7). A repetida ideologização sobre a suposta independência e capacidade de escolha que já teriam para tudo é rompida apenas quando se fala da gravidez, ao solicitar a busca do apoio da família.

Um trabalho com a pretensão de ser referência sobre conteúdos tão importantes, amplos e complexos como, por exemplo, “relações afetivas” ou “cultura”, não poderia ser superficial ou apenas abordar aspectos gerais. **Muito menos deixar de apresentar de modo claro os perigos sérios da pedofilia.** Mas o documento assim procede, pois foca apenas a prática sexual. Não temos dúvidas de que esse contexto pode favorecer a atuação de pedófilos dissimulados, principalmente junto a crianças negligenciadas em busca dos referidos “afeto, carinho, contato físico”. Ainda que os autores não tivessem essa intenção.

A EDUCAÇÃO SEXUAL DEVE SER EXPLICITAMENTE CONTRA PEDÓFILOS

Nas orientações da UNESCO sobre educação sexual escolar (“educação em sexualidade”), tanto na versão internacional (2010) quanto na versão “para o cenário brasileiro” (2014), não há posicionamentos firmes contra a pornografia. As *parafilias* também não são ali discutidas, sendo a nossa maior preocupação, no momento, com a pedofilia. Entre outros problemas, a versão brasileira praticamente ignora as referências positivas, na versão internacional, sobre serem a abstinência sexual e a fidelidade mútua entre pessoas saudáveis as únicas formas seguras de se evitar as DST. Outro potencial problema⁴ pode estar na orientação para trabalhar com as crianças, **a partir de cinco anos de idade**, no sentido de fazê-las a considerar normal a amizade entre diferentes faixas etárias. O respectivo item das “ideias-chave” fala o tempo todo de amizades, mas termina registrando: “Geralmente, as pessoas têm diversas experiências amorosas ao longo da vida” (UNESCO, 2014, p.22 - item “Amizade, amor e relacionamentos”). Estudar esse documento na

⁴Lembramos ao leitor que nossa maior inquietação se deve à existência de militâncias nacionais e estrangeiras empenhadas em transformar a pedofilia em orientação sexual normal. Embora também não devamos ignorar os crescentes casos de violência sexual de crianças maiores e adolescentes contra crianças menores. Obvio que outras *parafilias* também poderiam ser problema se fizerem parte das orientações.



perspectiva da saúde integral, e não apenas física, deveria ser de suma importância para futuros professores. Independentemente disso, felizmente, nem tudo está perdido.

Para estimular a esperança na possibilidade de mudança do referido quadro, a atuação de muitos professores éticos tem dificultado aos seguidores de Kinsey o alcance do objetivo de possível controle da sexualidade por meio da escola. Constatamos isso principalmente a partir do contato semanal com profissionais da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental da rede pública norte-paranaense desde 2003. Além de nossas referências, também conhecemos educadores de regiões da periferia e do interior de São Paulo com experiências parecidas. São essas “guerreiras” (há pouquíssimos homens nesses espaços) que estão resistindo corajosamente às fortes e crescentes pressões de especialistas em sexualidade, principalmente os famosos da grande mídia e/ou ligados às universidades. Suas ações acadêmicas visando à formação continuada de professores em exercício para realizarem essa educação sexual têm sido intensificadas como nunca. Óbvio que tal trabalho seria ótimo dentro dos ideais de democracia nos quais os diferentes valores seriam respeitados, mas parece que, infelizmente, não tem sido esse o caso.

Vejamos mais um motivo para as citadas “guerreiras” continuarem não estimulando as crianças a envolverem-se com a sexualidade adulta, como querem os seguidores de Kinsey. No primeiro semestre de 2013, conforme o site da Secretaria de Direitos Humanos do Governo Federal houve 68.800 denúncias no “Disque 100”, montante 22% maior que em 2012 (isso sem considerarmos as outras formas de denúncia). O maior número de violações dos “direitos das crianças e adolescentes” foi relacionado à negligência (73%), com a violência sexual aparecendo “apenas” em quarto lugar (26%). A maioria das agressões é de autoria das mães (53%), com idades entre 25 e 30 anos. Não contivemos o impulso de fazer cálculos/reflexões e concluir que essas mães negligentes nasceram a partir da década de 1980, portanto, também vítimas do sistema influenciado pelas ideias de Kinsey, exaltador do prazer sexual ilimitado e fragilizador das responsabilidades parentais.

Óbvio que casos incestuosos devem continuar sendo denunciados e devidamente punidos, quiçá mais rigorosamente. Mas nossa crítica é que a democracia capitalista não enfrenta seriamente a indústria do sexo/pornografia investindo em ações verdadeiramente preventivas, apenas na “Redução de danos”. Nesse contexto parece-nos que os referidos documentos da UNESCO não sensibilizam adequadamente pais e professores para perceberem e se incomodarem com as múltiplas formas da pedofilia.

PEDÓFILOS DISSIMULADOS SE FAZEM DE VÍTIMAS

O sistema de infantilização do adulto da grande mídia representado pela “moral do entretenimento” da democracia capitalista, pelo império da Playboy e seus similares, parece



ter contribuído para gerar algo impensável: crianças e adolescentes sutilmente aliciados para defender criminosos sexuais. Nesse sentido, vejamos a fala a seguir.

Os amantes de meninos e as lésbicas que têm amantes mais jovens são as únicas pessoas que estão se oferecendo para ajudar os jovens... Eles não são estupradores de crianças. **Os estupradores de crianças são os padres, os professores, os terapeutas, os policiais e os pais** que forçam os jovens, que estão sob sua responsabilidade, a aceitar sua moralidade fora de moda. Em vez de condenar os pedófilos por seu envolvimento com jovens gays e lésbicas, devíamos apoiá-los. (DEPOIMENTO DE UMA CRIANÇA DE 11 ANOS DE IDADE, CITADO NA OBRA DE VERHOEVEN, 2007, p.559 – grifos nossos)

Diante dessa triste realidade, é preciso descobrir urgentemente no que estamos errando com as novas gerações. Se não for resgatado o que se perdeu na relação entre pais e filhos (principalmente na interação com o pai), militantes pela educação sexual “intergeracional” continuarão aliciando menores em prol de suas causas. Precisamos evitar, entre outras possibilidades, o constrangimento de ver esses “jovens” envolvidos em organizações, passeatas e/ou manifestações em redes sociais em defesa dos pedófilos. E se depender da aprovação e incentivo das crescentes políticas públicas e corporativas dos “direitos sexuais de crianças e adolescentes”, esse passo é iminente, utilizando ações dissimuladas baseadas em questões ligadas aos direitos humanos para tentar fazer valer seus desejos.

Portanto, além da necessária luta contra toda forma de violência que possa ser feita a esses cidadãos em desenvolvimento, precisamos nos preparar muito bem para vencer a militância pedófila. Esse inimigo da infância integralmente saudável é sutil, ardiloso e habilmente treinado para utilizar estratégias de sedução e conquista objetivando o suposto consentimento dos menores de idade no envolvimento sexual com ele. Vejamos mais sobre o que é importante saber a respeito desses “predadores em pele de cordeiro”.

As vítimas dos pedófilos são, geralmente, muito carentes de afeto e atenção e, em considerável parte das vezes, pertencem a uma família que possui membros ausentes, seja fisicamente pelas obrigações cotidianas, seja emocionalmente pelo simples descaso ou até mesmo por ausência de vínculos solidificados. Crianças que são alvos de chacotas entre os colegas, **as menos sociáveis, introvertidas ou submissas também são alvos fáceis.** (VERHOEVEN, 2007, p.562 – grifos nossos)

Quem está atento ao que expusemos provavelmente já entendeu o porquê de a grande mídia não divulgar regularmente informações tão importantes como essa e focar “apenas” nos casos de relações violentas entre crianças e adultos. Pela condição de abandono/fragilização parental que muitos filhos vivem hoje, sua aproximação com esses indivíduos criará talvez o único laço afetivo que conhecem. Como grande parte é estimulada diariamente a envolver a sensualidade nos relacionamentos, o ato sexual com esse adulto



ardiloso será apenas uma questão de tempo. No entendimento da criança ou adolescente vulnerável, o que é confirmado com o relato do citado garoto, o pedófilo é uma pessoa boa e protetora, jamais um criminoso. Em muitos dos casos, é ele que iniciará a criança na vida sexual e, conforme defendia Kinsey, isso será bom para os dois.

Obvio que para tudo isso terminar bem para o pedófilo o menor de idade precisará acreditar que tem necessidade de sexo. E esse é um dos aspectos que parece estar em jogo na luta pelo controle da educação sexual, principalmente a escolar. Tudo indica que o objetivo velado é estimular sistematicamente (reforçando o trabalho da grande mídia) crianças e adolescentes para que desejem e consintam em fazer sexo. Um dos setores dessa militância pedófila talvez esteja atuando pela diminuição legal da idade de consentimento para prática sexual e, num futuro que esperam não ser muito distante, não existirem mais limites etários para a pessoa fazer o que quiser com seu corpo.

Se não exigirmos uma revisão imediata desse tema nos objetivos e conteúdos da “educação em sexualidade”, poderemos estar contribuindo indiretamente com a manutenção desse sistema potencialmente criminoso e viciante de crianças e adolescentes em sexo. Nessa perspectiva, cursos de formação de professores são espaços privilegiados para discutir e projetar ações na direção de **não estimular possibilidades de envolvimento sexuais entre crianças ou adolescentes, muito menos destes com adultos.** Talvez precisássemos apenas levar a sério os conteúdos do “ECA” nessa área.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tese central defendida neste artigo foi a de que ações estimuladoras a uma vida sexualmente ativa de crianças e adolescentes, **ou a omissão quanto a isso**, pode favorecer a pedofilia, principalmente por meio da dissimulada modalidade consentida.

Mostramos que **a suposta verdade científica defendida por muitos sexólogos de que crianças são sexuais desde o nascimento está corrompida em sua origem por fraudes e crimes.** Além das rápidas análises feitas em algumas publicações, também apresentamos por meio de citações do próprio Kinsey, evidências do quanto suas ideias, constitutivas dos fundamentos da sexologia contemporânea, colocaram menores de idade numa condição vulnerável diante de predadores sexuais “mascarados”, seja dentro ou fora da família.

Nossas propostas foram na direção de ações individuais e coletivas fundamentadas em pesquisas descomprometidas com os objetivos de Kinsey visando ao fortalecimento das organizações sociais integralmente saudáveis. Na busca por maior apoio a essa necessária militância destacamos a importância da construção/manutenção de uma verdadeira parceria entre família e autoridades escolares. **E certamente encontraremos nesses espaços**

Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



“joias raras” que trabalham pelos ideais de democracia. Um professor formado nessas bases poderá estar mais preparado para identificar pelo comportamento dos alunos se eles estão vulneráveis a ações de pedófilos violentos ou dissimulados, valorizando os bons pais e/ou outros responsáveis e denunciando os negligentes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. SUS. **Caderneta de saúde do adolescente**. 2009. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/caderneta_meninas.pdf> Acesso em: 13/07/2013.

KINSEY, Alfred, *et al.* **Conduta sexual da mulher**. Trad. Antônio V. Ramos. Rio de Janeiro, Livraria Atheneu: 1955.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Revista Sociologias**. Porto Alegre, ano 11, nº. 21, jan./jun. 2009, p. 150-182. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>> Acesso em: 12/08/2013.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. Secretaria de Educação. **Cá entre nós: Guia de educação integral em sexualidade entre jovens**. UNESCO/Projeto Segurança Humana, 2012. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002170/217096por.pdf>> Acesso em: 16/06/2013.

REBOUÇAS, Melina S. S.; e DUTRA, Elza M. S.. Não nascer: algumas reflexões fenomenológico-existenciais sobre a história do aborto. **Revista Psicologia em Estudo**. Maringá, PR, v. 16, nº.3, p.419-428, jul./set. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n3/v16n3a09.pdf>> Acesso em: 12/07/2013.

REISMAN, Judith. **Sexual Sabotage: how one mad scientist unleashed a plague of corruption and contagio non america**. Published by WorldNetDaily (WND Books). Washington, D.C. 2010.

RUBIN, Gayle. Pensando o sexo: notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade. Trad. Felipe B.M. Fernandes, Rev. Miriam P. Grossi. **Cadernos Pagu**. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, nº. 21, p.1-88, 2003. Disponível em: <<http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/gaylerubin.pdf>> Acesso em: 08/05/2013.

SENA, Tito. **Os relatórios Kinsey, Masters & Johnson, Hite: as sexualidades estatísticas em uma perspectiva das ciências humanas**. 2007. 303p. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) Programa Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas- Centro Filosofia Ciências Humanas- UFSC. Florianópolis.

SIDEMAN, Adi. **Chicken Hawk: Men Who Love Boys**. 1994. Documentary produced, written and directed by Adi Sideman. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=2l5Mc28GbEE>> Acesso em: 16/08/2013.

SUPLICY, Marta. **Papai, mamãe e eu: o desenvolvimento sexual da criança dos dois aos seis anos no lar e na escola**. São Paulo: FTD, 1990.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Orientação técnica internacional sobre educação em sexualidade: uma abordagem baseada em evidências para escolas, professores e educadores em saúde**. Julho de 2010. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001832/183281por.pdf>> Acesso em: 15/08/2014.

Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



_____. **Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro:** tópicos e objetivos de aprendizagem. UNESCO: Brasília, 2014. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002277/227762por.pdf>> Acesso em: 15/08/2014.

VERHOEVEN, Suheyla F. M.. Um olhar crítico sobre o ativismo pedófilo. **Revista da Faculdade de Direito de Campos**. Ano VIII, nº. 10- Junho de 2007- p.547-569. Disponível em: <<http://fdc.br/Arquivos/Mestrado/Revistas/Revista10/Discente/SuheylaFonseca.pdf>> Acesso em: 12/06/2013.